

Sayad critica política do PMDB

A política econômica do PMDB tem duas características principais: é realista e defende o crescimento como forma de reduzir a pobreza existente no Brasil. Essa opinião foi manifestada pelo ex-ministro João Sayad, terça-feira passada, durante palestra para os militantes paulistas do PMDB. Sayad comparou a economia brasileira a um cavalo selvagem, difícil de ser domado, e que quer correr sempre, a qualquer custo, contrariamente às economias mais avançadas, cujo comportamento assemelha-se ao de um Boeing, mais suscetível de ser controlado. A tônica da palestra do ex-ministro concentrou-se na refutação das críticas que hoje são feitas contra a política econômica em geral, como se ela fosse efetivamente a política do partido.

Sayad fez críticas veladas à condução da economia nos últimos tempos. Ele chegou a dividir os economistas do PMDB em voluntaristas e não-voluntaristas, fato que alguns integrantes da platéia (dentre eles

um empresário) interpretaram como uma clara alusão aos ex-assessores de Dílson Funaro, João Manuel Cardoso de Melo e Luiz Gonzaga Belluzzo. Sayad também aludiu aos que, erradamente, quiseram fazer crescer a economia a qualquer custo. Não deixou de efetuar uma autocrítica, quando se referiu aos erros do Plano Cruzado. "Quando um ministro diz que a inflação vai ser zero, na verdade ele está esperando uma taxa positiva, embora baixa. Naquela época, pensávamos que a inflação chegaria no máximo a 10% ao ano". O ex-ministro justificou o "cruzadinho" (criação dos empréstimos compulsórios) e considerou o Cruzado II como uma ampliação do cruzadinho e reconheceu que o "governo perdeu a briga com a opinião pública. Quando fizemos o Cruzado II, a população estava mobilizada, comemorando a eleição e aí foi um desastre total".

Sayad não quis deter-se muito sobre a possibilidade de um novo choque. Observou que o plano que escreveu antes de pedir demissão era

"muito singelo, passível de várias mudanças", mas salientou que o próximo choque, se vier, deverá obedecer a uma condição básica: ter o respaldo de um pacto social para combater a inflação.

Lembrou ainda que o Plano Cruzado fracassou, entre outros motivos, porque os salários não foram congelados e os empresários acabaram não suportando a pressão desse custo, repassando-o aos preços finais. Por enquanto, Sayad não vê viabilidade para um novo choque, pela ausência de apoio político ao governo: "O congelamento de preços só funciona quando existe acordo e, mesmo assim, por curto período e desde que haja um equilíbrio entre oferta e procura".

Sayad criticou aqueles que atribuem um poder mágico aos ministros de fixar o crescimento econômico ou de determinar as taxas de juro: "Não se pode desrespeitar a organização da economia, à força dos mercados".